

A DIVULGAÇÃO DO CINEMA BAIANO NOS ANOS 60: UM ESTUDO DE CASO

Letícia de Castro Borges¹
Fabio Mariano Cruz Pereira
Evana de Melo Correia
Joiscineia Celestino Borges

Maria Helena Ochi Flexor²
Cleomar Rocha³

O cartaz sempre foi de extrema importância para a divulgação do cinema. Através dele, seus autores buscam captar a atenção do público para a questão central do filme.

Este artigo apresenta a análise do cartaz de divulgação do filme “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, do cineasta Glauber Rocha, e design do baiano Rogério Duarte, dentro do contexto dos anos 1960.

A Bahia nos anos 1940-1965

O período do após-guerra trouxe inúmeras condições de desenvolvimento em todo o Brasil. E este fato não exceuiu o Estado da Bahia, que foi tomado por um intenso ideal renovador surgido a partir de grupos intelectuais. Isto também foi possível devido ao desenvolvimento dos meios de comunicação, da reforma da Universidade Federal, do apoio do Governo Estadual, abertura de rodovias que permitiram acesso mais rápido aos centros culturais, e surgimento de várias entidades culturais de cunho particular.

¹ Alunos do Curso de Design, Comunicação Visual com Ênfase em Meios Digitais da UNIFACS.

² Orientadora. Doutora, Bacharel e Licenciada em História pela USP. Professora Emérita da UFBA. Professora Titular da UNIFACS e professora do mestrado em Desenvolvimento Regional da UCSAL Co-Orientador. Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas, coordenador dos cursos de graduação e pós-graduação em Design - UNIFACS

³ Co-Orientador. Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas, coordenador dos cursos de graduação e pós-graduação em Design - UNIFACS

Já o ano de 1949 testemunhou o I Salão Baiano de Belas Artes, comemorativo do Quarto Centenário da Cidade, permitindo a então aceitação da arte moderna aos mais abertos às idéias inovadoras. Notava-se o espírito de descoberta da Bahia, nos seus aspectos culturais, e de mistura racial, que ainda estavam preservados distantes da influência artística do Sul do País (LUDWIG, 1982).

Mas, foi principalmente no Governo de Luis Viana Filho (1967-1971) quando se pode perceber forte incentivo às manifestações culturais, valorizando apresentações musicais populares e eruditas, recitais de poesia, apresentações teatrais e o desenvolvimento do cinema baiano, coincidindo também com o período de construção da biblioteca Central no bairro dos Barris.

Entre as décadas de 1940 e 50, como já mencionado, apreciava-se, também, o surgimento de diversos grupos culturais, formados por intelectuais, como “Cadernos da Bahia”, “Arco e Flexa”, “Távola”, “Academia dos Rebeldes” e o mais influente deles, a “ALA” (Ala de Letras e Artes), que contribuíram significativamente para a expansão do pensamento inovador baiano (LUDWIG, 1982).

Em 1956 e 57, surge, no Colégio Estadual da Bahia (Colégio Central), um grupo de secundaristas, chamado “Jogralasca”, que dramatizava poemas modernos brasileiros e estrangeiros. Constavam neste grupo às participações dos então estudantes Glauber Rocha, Paulo Gil Soares e Fernando Peres.

Vale salientar que, nos não muito distantes anos de 1955, a promoção do teatro baiano se dava especialmente no cenário acadêmico, com a criação da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, promovendo cursos de interpretação e direção. Esse período, também conhecido como “Renascimento do Teatro Baiano”, foi bastante

estimulado pela construção do Teatro Castro Alves (1962) e do Teatro Vila Velha (1964) (LUDWIG, 1982).

A reforma universitária, no final da década de 60, de uma forma geral, contribuiu imensamente com a vida artística, muito embora não tenha permitido a integração de disciplinas como cinema, televisão e fotografia à grade curricular da academia da época. A arte terminava por se concentrar em manifestações das elites e, apesar do interesse da população em acompanhar todos os movimentos que ditavam as modas do mundo artístico, não houve, na Bahia, pessoas interessadas em dar continuidade às idéias inovadoras apresentadas nessa década (LUDWIG, 1982).

Uma das mais importantes manifestações no mundo da arte, ainda nos anos 60, foi o surgimento da Escola Baiana de Cinema, como resultado do Clube de Cinema da Bahia, criado em 1950, a partir da influência de Valter da Silveira. Sua criação permitiu, já nos anos 50, a Glauber Rocha, Roberto Pires e Rex Schindler, a produção de filmes como “Barravento”, “Tocaia no Asfalto” e “A Grande Feira”, todos interessados na valorização da realidade baiana. (LUDWIG, 1982)

O pensamento idealizado, baseado nos cenários nordestinos e a promoção da cultura popular, que se desenvolvia em Salvador, atraíram diversos cineastas de outras regiões, ao longo da década de 60. Filmes como “Bahia de Todos os Santos”⁴, “Três Cabras de Lampião”⁵, “Sol sobre Lama”⁶, “Os fuzis”⁷, “O Pagador de Promessas”⁸, “Senhor dos Navegantes”⁹, foram produzidos nessa década e constituíram o chamado “ciclo baiano” que se refere a toda a produção cinematográfica do período (LUDWIG, 1982).

⁴ José Hipólito Trigueirinho Neto

⁵ Aurélio Teixeira

⁶ Alex Vianny

⁷ Ruy Guerra

⁸ Anselmo Duarte

⁹ Aloísio T. de Carvalho

As manifestações artísticas baianas continuaram em destaque a partir de 1964, mas apenas no cinema, no teatro, e na música popular, que culminou com o surgimento do movimento tropicalista, que promoveria novas formas de pensamento, valorizando a cultura de massa, na mistura de elementos nacionais a estrangeiros e no desprezo pelo conformismo imposto pelas mídias.

Dentre todas essas mudanças acontecidas no cenário cultural de Salvador, o cinema conseguiu apresentar estilo inovador sendo reconhecido nacional e internacionalmente. Curiosamente, porém, apenas uma pequena parte da população do Estado beneficiou-se profundamente com as transformações artísticas e culturais da época, a saber: a população de nível cultural mais receptivo às inovações.

A criação do Museu de Arte Popular mostra que o regionalismo estava em voga. “Antes de tudo continua prevalecendo a cultura baiana que, embora regional, fala mais alto, identifica a Bahia” (FLEXOR; 1994, p 51).

“Deus e o Diabo na Terra do Sol” foi o segundo longa-metragem de Glauber Rocha. O filme estreou em junho de 1964, dois meses após o golpe militar. Na época, a temática do filme, que lançava um outro olhar sobre a realidade do sertão nordestino, não agradou o público, nem obteve sucesso comercial. Porém, é considerado um dos filmes mais representativos do Cinema Novo, detonando um processo consciente-inconsciente na cultura brasileira. O filme conta a história do vaqueiro Manuel que, revoltado com a exploração por parte do coronel para o qual trabalha, mata-o durante uma briga. Enquanto o espectador é guiado pela história de Manuel e sua esposa, tem-se como pano de fundo temas como o cangaço, o coronelismo, o beatismo, a literatura de Cordel.

A convite do próprio Glauber Rocha, Rogério Duarte foi o autor do cartaz que promoveu o filme. Essa peça gráfica traz como elemento central a imagem de seu

protagonista, em preto e branco, contrapondo-se com cores quentes e vibrantes, além de formas geometrizadas, configurando assim um cartaz impactante, à altura do filme que promove. Como consequência, a peça foi bem-sucedida em seu propósito, além de se tornar o trabalho mais conhecido de Rogério Duarte, que uniu princípios construtivistas com elementos da cultura popular brasileira, destacando-se como comunicador visual na época da ditadura militar no Brasil.

O cartaz de “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, composição, técnica e análise



Figura 1 – reprodução do cartaz original. Dimensões: 109 x 72,5 cm.

A fototipia, também chamada de fotocomposição, era o sistema de impressão tipográfica em voga no período do após-guerra. O processo é o mesmo utilizado na revelação de filmes fotográficos e foi patenteado em 1890, usado para títulos e manchetes, em meados de 1925, mas apenas amplamente popularizado nos anos 60 (DENIS, 2000).

Esse novo princípio tecnológico trouxe reflexos na construção formal tipográfica, conduzindo os tipógrafos à geometrização de seus projetos, uma vez que a sutileza da tipografia composta à mão tenha-se acomodado.

O uso intensivo da fotocomposição, agora sistema de impressão popular, aconteceu em função do aumento de informação nos meios de comunicação que exigia cada vez mais maquinário ágil e eficiente – resultados do avanço tecnológico que acompanhou o período. Com isso, mudanças nas proporções das letras eram evidentes. As fontes não permitiam ligaturas, versaletes e nem mesmo algarismos de textos (BRINGHURST, 2005).

Os cartazes, em um âmbito geral, nesse período, tiveram a característica de desfrutar de grandes dimensões. A empresa cinematográfica já se fazia fortemente estabelecida nos centros econômicos do país, contribuindo com a larga impressão de seus cartazes. Na Bahia, entretanto, o cinema se desenvolvia e encontrava cada vez mais espaço com um estilo inovador.

Considerado tropicalista, o design do cartaz “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, de Rogério Duarte, dá a possibilidade de observação e análise. A diagramação tem estilo praticamente clássico, com alinhamento centralizado, ponto de atenção no centro da peça, os textos alinhados pelo eixo vertical ajudando a reforçar o mesmo; apresentando também planos (punhal, o personagem, o círculo representando o sol) que se sobrepõem. Esse cartaz foi ainda o responsável por antecipar a utilização da fotografia, que se tornou mais popular nas artes gráficas a partir da década que viria a acontecer. Até então, nos anos 60, era muito mais comum a presença de ilustrações estruturando as peças (MELO, 2006).

A tipografia não-serifada compõe o texto completo em caixa-baixa, eliminando a diferença entre Deus e o diabo, ambos participantes da mesma aridez e violência sertaneja. O emprego da caixa-baixa é também influência do estilo tipográfico da Bauhaus. A fonte utilizada se assemelha à Univers, criada por Adrian Frutiger em 1956, figurando principalmente no estilo suíço de design gráfico.

Quanto à impressão, o sistema utilizado foi muito provavelmente a serigrafia. A foto central tem seus meios-tons produzidos por um original em tom contínuo, visto que apresenta apenas uma cor, o preto. A cor vermelha é obtida pela união da camada de tinta magenta com a camada de tinta amarela, cores que aparecem na forma circular que cerca a imagem central. A tipografia apresenta a cor preta no título do filme; a cor amarela na lista do nome dos atores presentes no mesmo é obtida pela camada amarela sob a camada magenta vazada; o nome do estúdio aparece vazado, na cor do papel (de aparência rústica, sem destoar do contexto da peça).

Analisando a estrutura da composição, é possível ainda reconhecer os eixos que sustentam a informação, resultado da influência geométrica já apresentada nas propostas da Escola de Ulm. A estrutura rígida apresentada (ver figura 2), associada à expressão fotográfica, mostra a aceitação de uma mentalidade artística inovadora, técnica e disposta dos recursos tecnológicos do período.



Figura 2 – análise da estrutura da composição.

Por sua diagramação conservadora aliada à inovação de novas técnicas, além dos seus aspectos pragmáticos, o cartaz de "Deus e o Diabo na Terra do Sol" tornou-se parte do repertório popular do design gráfico brasileiro. É quase certo que enquanto o filme para o qual serve de veículo de divulgação for comentado, seu cartaz certamente será mencionado, visto que o cinema é uma expressão artística e cultural atua de forma concomitante com a expressão gráfica, sendo esta a responsável pela divulgação e atração do público ao cinema.

Referências bibliográficas

BRINGHURST, Robert. *Elementos do Estilo Tipográfico*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CADENA, Nelson Varón. *Brasil – 100 Anos de Propaganda*. São Paulo: Edições Referência, 2001.

DENIS, Rafael Cardoso. *Uma Introdução à História do Design*. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *A Modernidade na Arte Baiana*. Salvador: Museu de Arte Moderna, 1994.

LUDWIG, Selma Costa. *Mudanças na vida Cultural de Salvador: 1950-1970*. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais da FFCH – UFBA. Salvador, 1982.

MELO, Chico Homem de. *O Design gráfico brasileiro: Anos 60*. São Paulo: Cosac&Naify, 2006.

Websites consultados:

Cinema Brasileiro <<http://www.cinemabrasileiro.net>>

Internet Movie Database <<http://www.imdb.com>>